

## A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-DISCURSIVA: UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DO VERBO INTRANSITIVO SONHAR EM REPORTAGENS IMPRESSAS

Fabíola Nóbrega (UFPB)<sup>1</sup>

### RESUMO

A aglutinação sintático-semântico-discursiva é um processo que faz referência à junção do complemento no verbo concebido pela Gramática Tradicional (GT) como intransitivo, não tendo a ocupação material do lugar de objeto. Todavia, em algumas situações, estes verbos podem ser usados com o complemento materializado no plano da sintaxe, havendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Este fenômeno é provocado por motivações de ordem enunciativa. Assim, tivemos como objetivo geral analisar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo sonhar, definido pela GT como intransitivo, utilizando, para isso, reportagens impressas. Pelo exposto, observamos que a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva não foi aludida como um processo estritamente estrutural, visto que foram consideradas também as dimensões semânticas e discursivas, as quais fazem parte do jogo interativo da linguagem. Nesse sentido, a enunciação é vista como o resultado da interação entre indivíduos organizados socialmente, como postulam Bakhtin/Volochinov (1981). Em relação à modalidade, podemos afirmar que nossa pesquisa é teórico-analítica, uma vez que atualiza o conceito de aglutinação sintático-discursiva proposto por Nóbrega (2006) em sua dissertação de mestrado. Nosso *corpus* é constituído por vinte e duas reportagens impressas publicadas no período de 1968 a 2013, na Revista Veja e pesquisadas no *site* <http://veja.abril.com.br/acervodigital>. Para tanto, selecionamos o verbo sonhar. Neste verbo, a transitividade verbal surgiu da visão de mundo do sujeito-enunciador como uma réplica, sendo responsabilidade dele quanto ao objeto de discurso retratado. A pesquisa aqui proposta suscitou um diálogo entre áreas distintas, a exemplo da Sintaxe e da Enunciação. Esse diálogo possibilitou contemplar um problema sintático à luz da enunciação, como sugeriram Bakhtin/Volochinov (1981). Com isso, traz à tona um novo olhar sobre os verbos intransitivos, contribuindo para os estudos linguísticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enunciação. Verbos Intransitivos. (Des)aglutinação sintático-semântico-discursiva. Gênero discursivo reportagem.

---

1 Este trabalho é um recorte de minha tese de doutorado intitulada *A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva: um enfoque enunciativo do verbo intransitivo em reportagens impressas*, defendida em abril deste ano na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação do Professor Dr. Pedro Francelino.

## 1. Introdução

A aglutinação<sup>2</sup> sintático-semântico-discursiva é a união do complemento no verbo, concebido pela Gramática Tradicional (GT) como intransitivo, não tendo, no plano da sintaxe (lugar material), a ocupação do objeto. Já a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva diz respeito à materialização do complemento do verbo citado no plano da sintaxe, existindo a ocupação do objeto. Podemos pontuar que este é um fenômeno enunciativo concebido através de um lugar, que pode ser materializado linguisticamente no plano da sintaxe ou simplesmente ocultado. Todavia, é possível observá-lo no plano do enunciável, considerando o diálogo entre interlocutores organizados socialmente. Assim sendo, possibilita, através da inter-relação entre estes planos, a configuração de um saber de entremeio, baseado no diálogo entre o linguístico e o discursivo, consoante afirmou Dias (2006).

À luz das considerações tecidas, o artigo em evidência tem por objetivo geral analisar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *sonhar*, utilizando, para isso, reportagem impressa. Para tanto, foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos: Caracterizar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva como um fenômeno enunciativo; analisar o sentido de um elemento linguístico (verbo) através de dois vieses: tema (sentido contextual) e significação linguística (sentido dicionarizado), associando à compreensão ativa; discutir os fatores que proporcionam a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo selecionado para a análise.

Pelo exposto, observamos que a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva não foi aludida como um processo estritamente estrutural, visto que foram consideradas também as dimensões semânticas e discursivas, as quais fazem parte do jogo interativo da linguagem. Nesse sentido, a enunciação é vista como o resultado da

---

2 O termo aglutinação neste artigo não será usado como processo de formação de palavra, focando os campos fonológico e morfológico, como fazem a Gramática Tradicional, os Dicionários especializados (Linguística e Filologia) etc., a exemplo de Rocha Lima (2006), Camara (1968), Cunha (1970), Dubois (1973), entre outros.

interação entre indivíduos organizados socialmente, como postulam Bakhtin/Volochinov (1981).

Na nossa metodologia, seguimos a classificação proposta por Lakatos & Marconi (2003) em relação à modalidade e tipos, sendo possível considerar: a área da ciência, a natureza, os objetivos, os procedimentos, o objeto e a forma de abordagem. No que diz respeito à modalidade, podemos afirmar que nossa pesquisa é teórico-analítica, uma vez que atualiza o conceito de aglutinação sintático-discursiva proposto por Nóbrega (2006).

Referentemente ao tipo de pesquisa, considerando nossos objetivos, pontuamos que ela é descritiva, visto que a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva foi observada, registrada, analisada e interpretada. Por sua vez, também é explicativa, pois foram identificados fatores que propiciam a ocorrência do fenômeno analisado. Já quanto à forma de abordagem, nosso trabalho é qualitativo, pois há o perfil descritivo, tendo a preocupação em interpretar o fenômeno e não com a quantidade relativa à sua ocorrência. Por outro lado, nossos dados foram analisados indutivamente, havendo a interpretação do fenômeno e a atribuição dos significados.

Nosso *corpus* é constituído por vinte e duas reportagens impressas publicadas no período de 1968 a 2013, na Revista Veja e pesquisadas no *site* <http://veja.abril.com.br/acervodigital>. Neste acervo digital, encontramos todas as edições digitalizadas, publicadas de 1968 a 2015, havendo ferramentas específicas para realizarmos uma pesquisa segundo nosso interesse. Entre elas, assuntos, ano, edições, expressão exata etc. Fizemos nossa pesquisa através das ferramentas intituladas *período* e *busca avançada*, na qual digitamos a expressão exata que desejávamos e, logo em seguida, eram notificadas as aparições em todo o acervo com as devidas datas de publicação. Para este artigo, selecionamos a reportagem intitulada *A utopia real de Gabeira*, escrita por Lucila Soares, publicada na Revista Veja em 20 de setembro de 2006, p. 44-50.

A reportagem impressa, portanto, foi selecionada como *corpus* por ser um gênero discursivo secundário. E a Revista Veja por ser de circulação nacional, bastante difundida no Brasil e possuir todo seu acervo digitalizado no site, facilitando o acesso.

A pesquisa aqui proposta possibilitou um diálogo entre áreas distintas, a exemplo da Sintaxe e da Enunciação. Esse diálogo possibilitou contemplar um problema sintático à luz da enunciação, como sugeriram Bakhtin/Volochinov (1981). Por fim, podemos dizer que nossa intenção neste artigo não foi desrespeitar a GT ou simplesmente discordar de um conceito desenvolvido por este aporte teórico, visto que reconhecemos todos os seus créditos. Nosso desejo foi apresentar, seguindo outra perspectiva teórica, questões que não foram contempladas sobre os verbos vistos por ela como intransitivos, já que seu foco é a estrutura linguística.

## 2. A linguagem pelo viés dialógico

[...] toda parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente.

*Mikhail Bakhtin*

Em discrepância com relação a outras concepções de linguagem, o construto teórico bakhtiniano observou que o fenômeno linguístico ultrapassa os limites dos campos físico, fisiológico e psíquico, já que está associado ao âmbito social mediante os processos de interação. Assim, aludi-lo através dessas nuances indefine a natureza linguística, restringindo-a. Nesse sentido, Bakhtin/Volochinov (1981) pontuam que o signo é, sim, ideológico, e a ideologia, por sua vez, reflete as estruturas sociais. Havendo, portanto, algum tipo de modificação na ideologia, isto acarreta uma modificação em relação à língua. A forma linguística é vista como um signo mutante, sendo este, em sua natureza, “vivo, móvel, plurivalente” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1981, p. 15). No entanto, a classe dominante, por interesses particulares, busca concebê-la como monovalente.

A ideologia influencia a consciência (o pensamento) e a atividade da linguagem, a qual ocorre dialogicamente. Essas duas atividades (o pensamento e a linguagem) são, portanto, inter-relacionadas, já que o psiquismo e a ideologia estão em constante atividade de interação dialética. Para Bakhtin/Volochinov (1981, p. 16), “o signo ideológico vive graças à sua realização no psiquismo e reciprocamente a realização psíquica vive do suporte ideológico”.

No propósito de respaldar sua concepção acerca da língua, os autores em pauta discutem sobre duas correntes teóricas distintas: o Objetivismo Abstrato e o Subjetivismo Individualista, particularizando-as. O Objetivismo Abstrato, tendo como representante Saussure<sup>3</sup>, analisa a língua através de um olhar específico, revestido pelo social e configurado mediante a necessidade comunicativa. A língua seria, então, um objeto abstrato ideal, pensado enquanto sistema sincrônico, impositivo por natureza, no qual eram rejeitadas as manifestações linguísticas reais (a fala/*parole*). Seguindo essas diretrizes, o sujeito, apesar de não ser suplantada sua existência, foi simplesmente silenciado. Cabia a ele aceitar passivamente um sistema linguístico pronto e acabado por natureza.

Considerando a vertente discorrida por Saussure (1982, p. 31), a língua (*langue*) seria um “sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica”. Em outros termos, apesar de ser percebida a inegável existência do sujeito, ele seria silenciado, porquanto não exerceria poder no tocante ao sistema linguístico. Assim, a língua seria algo pronto e acabado, restando ao sujeito lançar mão dela independentemente de seu poder de ação. Partindo desse pressuposto, o autor em foco propõe um estudo sincrônico concernente ao seu objeto investigativo.

À luz dos apontamentos discutidos por Bakhtin/Volochinov (1981), a língua é constituída através dos processos interativos, delineados socialmente<sup>4</sup>. Eles enfatizam

---

3 Saussure é um dos representantes do Objetivismo Abstrato. Embora saibamos que ele, no seu construto teórico, abrange muito mais, nesta tese não serão tecidas tais considerações, visto que não é nossa pretensão.

4 Neste momento, sentimos a necessidade de diferenciar o social conforme compreendido por Saussure (1982) e por Bakhtin/Volochinov (1981). Para aquele, a língua seria falada socialmente por um grupo; já

justamente aquilo que Saussure (1982) menos enfocou: a fala (manifestação linguística intimamente entrelaçada às condições de comunicação, organizadas pelo viés social). A língua passa a ser vista, para Bakhtin/Volochinov (1981, p. 17), “[...] como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo de instrumento e de material”.

Em virtude disso, verificamos que o Objetivismo Abstrato apresentou uma visão insatisfatória da língua enquanto produto das relações sociais. Isto ocorreu devido ao fato de que esta corrente teórica verificou, a partir de um sistema linguístico abstrato, sincrônico e, sobretudo, imutável, os fatos linguísticos. Segundo Bakhtin/Volochinov (1981, p. 92),

na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não: para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada.

O Subjetivismo Individualista verificou a língua, segundo Bakhtin/Volochinov (1981), como uma atividade criativa que não possui interrupção quanto à sua construção, sendo concretizada através de atos de fala individuais. A língua seria proveniente de tais atos e as leis que governariam a criação linguística seriam configuradas através da psicologia individual. Um dos calcanhares de Aquiles dessa teoria é justamente o fato de ela focar a enunciação monológica.

O Subjetivismo Individualista está centrado, por conseguinte, em uma teoria de expressão puramente falsa. Essa corrente teórica registra que a expressão seria constituída através do conteúdo interior e da objetivação exterior. A essência da língua

---

para estes, o social é o organizador da consciência. Assim, a língua é constituída mediante a interação de sujeitos, perfilados socialmente.

estaria no interior, enquanto o exterior serviria “simplesmente” como escopo tradutor. Contrapondo esse pensamento, Bakhtin/Volochinov (1981) defendem que o interior não determina o exterior, uma vez que a relação é invertida, isto é, este modela aquele.

Por fim, observamos que as duas correntes teóricas descritas acima observam a língua através de caminhos limitados, haja vista não observarem a interação verbal. Na concepção de Bakhtin/Volochinov (1981), a língua é constituída justamente através da interação verbal, e sua concretização ocorre a partir das enunciações. A interação verbal, por seu turno, é um fator essencial. Por isso, ela não é um sistema abstrato nem tampouco enunciações monológicas isoladas.

A interação é constitutiva da língua, posto ser originada através da relação dialógica entre os sujeitos, organizados no âmbito social. Dessa forma, constatamos que, ao serem concretizados os processos interativos, o linguístico está sendo gestado. Entretanto, nesta relação dialógica, não é cabível observar os sujeitos como receptores passivos. A enunciação só pode ser compreendida como determinada pelo meio, sendo produto da interação entre indivíduos, delineados pelo âmbito social. À luz de Bakhtin/Volochinov (1981, p. 112), “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”.

## 2.1 Tema e significação linguística

Considerado como um dos mais complexos da Linguística, o problema da significação requer um estudo no propósito de solucioná-lo. Segundo Bakhtin/Volochinov (1981), um aporte teórico que esteja centrado em uma compreensão passiva é insuficiente para contemplar a significação no âmbito linguístico.

Para os autores, o tema diz respeito ao sentido completo da enunciação, sendo, indubitavelmente, único; senão, não seria possível defini-la. Em virtude disso, o tema da enunciação apresenta um tom individual e não reiterável, assim como a própria enunciação. A título de ilustração, a enunciação “que horas são”<sup>5</sup>, portanto, comporta um sentido diferente cada vez que é realizada. Dessa forma, conforme Bakhtin/Volochinov (1981, p. 128),

conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes.

Nesse diapasão, o tema da enunciação é concebido em sua concretude, sendo tão concreto quanto o momento histórico a que ela está vinculada, uma vez que apenas em sua amplitude concreta, enquanto fenômeno histórico, apresenta um tema. “Por significação, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 129). Ademais, no interior do tema, a enunciação é do mesmo modo investida de uma significação.

Em virtude dessa discussão, observamos que a diferença entre o tema e a significação fica mais nítida no momento em que é associada à problemática da compreensão. Os filólogos acreditavam que a compreensão fosse efetivada passivamente, exaurindo qualquer possibilidade de resposta. Refutando essa concepção, Bakhtin/Volochinov (1981) afirmam que qualquer compreensão precisa ser ativa, sendo necessário conter uma resposta. Somente compreendendo ativamente, é possível fazer a apreensão do tema. Em sintonia com essa assertiva, a compreensão da enunciação de outrem significa ter uma orientação quanto a ela, encontrando um lugar propício que esteja adequado ao contexto correspondente. O processo concernente à compreensão é visto como uma forma de diálogo, já que a cada palavra

---

5 Exemplo citado por Bakhtin/Volochinov (1981, p. 128).



a ser entendida correspondem inúmeras outras nossas, construindo uma réplica, assim, “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 132).

Pelo exposto, notamos que o sentido não é inerente à palavra, ao falante nem ao interlocutor, sendo, então, o resultado produzido, na interação entre o locutor e o receptor, mediante o material de dado complexo sonoro. Quando não atentamos para o tema da enunciação, buscando precisar o sentido de certa palavra, observamos seu valor inferior, comumente estável e igual a si mesmo, isto é, o sentido dicionarizado da palavra.

Além disso, a inter-relação entre a apreciação e a significação é concebida como outro problema. Para os autores, observando a palavra utilizada na fala real, toda ela comporta o tema e a significação. Todavia, é imprescindível ainda haver um acento apreciativo, caso contrário, não existe palavra. Um dos níveis mais nítidos e superficiais referentes à apreciação social, que faz parte da palavra, é veiculado pela entoação expressiva. Inúmeras vezes, essa entoação expressiva é estabelecida através da situação imediata e por suas possíveis circunstâncias mais transitórias. “Em qualquer enunciação, por maior que seja amplitude do seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence à apreciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 134).

Com efeito, as mudanças em relação à significação estão indubitavelmente associadas à apreciação. Estas ocorrem, na verdade, através de um processo de reavaliação, isto é, a permuta de uma palavra de uma situação apreciativa para outra. Diante disso, é fundamental considerar a apreciação social para ser possível entender como a evolução histórica do tema e da significação, que o produz, é efetivada. A língua evolui semanticamente e isso está relacionado à evolução apreciativa de um grupo social específico, bem como à evolução da apreciação, fato proporcionado pelo alargamento da infraestrutura do setor econômico. E a expansão do horizonte da apreciação é realizada dialeticamente. Dessa sorte, “uma nova significação se descobre

na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 136).

Assim, não existe nada na constituição do sentido que seja sobreposto à evolução, sendo apresentado como independente da expansão dialética no tocante ao âmbito social. Por isso, nesse bojo, nada pode continuar estático. A significação é incorporada ao tema, sendo desfragmentada através de suas contradições, no intuito de voltar sob a forma de uma significação outra, que possui estabilidade e identidade do mesmo modo efêmeras.

Por fim, notamos que, considerando o aspecto semântico de um elemento linguístico, incidem dois vieses investigativos: o tema (estágio superior) e a significação (estágio inferior). Aquele diz respeito ao sentido contextual de uma palavra, observando as condições de uma enunciação concreta. Enquanto a significação remete ao sentido dicionarizado da palavra, focando o sistema da língua. Neste artigo, observamos os dois estágios, buscando mostrar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *sonhar* em reportagem impressa.

### 3. O gênero discursivo reportagem impressa

#### 3.1 Um olhar bakhtiniano

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicitários etc.) surgem no convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente, o escrito) – artísticos, científico, sociopolítico etc.

*Mikhail Bakhtin*

Observamos que, segundo Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são subdivididos em primários e secundários. Aqueles fazem referência a certos tipos de diálogos orais, como, por exemplo, as conversas íntimas, de salão, familiares, entre outras. Já os secundários dizem respeito aos mais complexos, assim como os

romances, as pesquisas científicas etc. Esses são construídos considerando as condições relativas a um convívio social completo, até certo ponto bastante desenvolvido, na maioria das vezes, o escrito. Observando o processo de sua elaboração, é possível notar que eles são capazes de incorporar e reelaborar muitos gêneros primários (simples), os quais são constituídos nas condições próprias da comunicação discursiva imediata.

Os gêneros do discurso são vistos, pelo filósofo em questão, como enunciados concretos relativamente estáveis e normativos. Eles são dados aos sujeitos do discurso e não construídos por eles; nesse sentido, observamos a normatividade. Os inúmeros campos da atividade humana estão interrelacionados ao uso da linguagem, possibilitando a existência de gêneros específicos. E a utilização da língua, por sua vez, é materializada a partir dos enunciados plenos (orais e escritos), construídos nas diferentes esferas sociais. Tais enunciados, conseqüentemente, refletem as condições inerentes a cada campo através de seu conteúdo temático, seu estilo e sua composição. O todo do enunciado completo está intimamente relacionado a esses três fatores.

Rodrigues (2005) afirma que os gêneros primários não são eminentemente orais e os secundários não são exclusivamente escritos. Para ela, muitos estudiosos, ao lançarem mão da teoria bakhtiniana, apresentam uma visão reducionista ou deturpam alguns conceitos por não contemplar a teoria adequadamente.

Nos campos relativos à atividade humana, constatamos, à luz de Bakhtin (2003), que há gêneros do discurso diversos, os quais correspondem às condições próprias de tais campos. Podemos pressupor que esses gêneros refletem, de certa forma, as modificações ocorridas na vida social. Eles são transmissores de duas histórias, do social e da linguagem; assim, para haver comunicação nos diversos campos da atividade humana, é necessária a utilização dos gêneros do discurso. Por outro lado, os enunciados plenos possuem uma forma padronizada e até certo ponto estável em relação a sua estruturação, considerando um todo; os falantes têm um leque diverso de gêneros do discurso, orais e escritos. Na verdade, eles são utilizados,

na prática, com habilidade. Todavia, é possível sua existência teórica ser simplesmente ignorada pelo falante.

Os gêneros do discurso são construídos através de determinada função, bem como determinadas condições da comunicação discursiva, próprias de cada campo social. Para Bakhtin (2003), o enunciado indubitavelmente é uma unidade concreta própria da comunicação discursiva. Os gêneros do discurso, sucessivamente, supõem diferentes diretrizes quanto aos objetivos e projetos de discurso pertencentes aos falantes.

Na nossa concepção, seguindo Bakhtin (2003), a reportagem impressa é um gênero do discurso secundário, porquanto é construída no universo que visa às condições de convívio social mais completo, até certo ponto, desenvolvido e elaborado. Ademais, possui outra característica suscetível a esse gênero: ser escrita. Ao observar o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo, é possível constatar que ela, de fato, é um enunciado pleno, apresentando suas especificidades. A título de ilustração, apresentaremos, no tópico (5), a análise sobre a reportagem intitulada *A utopia real de Gabeira*, escrita por Lucila Soares, publicada na Revista Veja em 20 de setembro de 2006, p. 44-50, observando a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *sonhar*.

#### 4. A transitividade verbal: diálogos com a tradição

Os verbos, na Língua Portuguesa, são classificados quanto aos complementos em intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos relativos, transitivos circunstanciais e bitransitivos, conforme afirma Rocha Lima (2006). Os intransitivos, “encerrando em si a noção predicativa, dispensa quaisquer complementos” (ROCHA LIMA, 2006, p. 341), dessa forma, trariam as informações necessárias ao seu entendimento. Os outros verbos aqui citados solicitam complementação em relação ao seu sentido, pois em si não há completude semântica.

Assim, em enunciados como *João morreu*, o verbo *morrer* seria intransitivo, pois sozinho significaria aquilo que está sendo proferido, não precisando de

informações complementares quanto ao seu sentido. No entanto, para o gramático em questão, apesar de verbos como estes serem intransitivos, em algumas situações, podem apresentar o Objeto Direto Interno. Nesse sentido,

Verbos intransitivos podem trazer complemento representado por substantivo do mesmo radical, contanto que venha acompanhado de adjunto [...] também, às vezes, são expressos por palavras que, não sendo co-radicais dos verbos respectivos, pertencem, todavia, ao mesmo grupo de ideias (ROCHA LIMA, 2006, p. 248).

Então, observamos que, em *Morrer morte gloriosa*<sup>6</sup>, *Viver uma vida feliz* e *Dormir um sono tranquilo*<sup>7</sup>, segundo Rocha Lima (2006), os verbos *morrer*, *viver* e *dormir* passariam a ter o Objeto Direto Interno. Nestes exemplos, respectivamente, *uma morte gloriosa*, *uma vida feliz* e *um sono tranquilo* exerceriam esta função sintática. Os dois primeiros têm seus complementos representados por um substantivo com o mesmo radical do verbo correlacionado (*morrer/morte* e *viver/vida*), seguidos de um adjunto (*gloriosa* e *feliz*). Ao passo que, em *Dormir um sono tranquilo*, seria *um sono tranquilo* o Objeto Direto Interno, uma vez que, embora o termo *sono* não possua o mesmo radical de *dormir*, faz parte do mesmo grupo de ideias.

Para Rocha Lima (2006), os verbos transitivos diretos solicitam o objeto direto. Desta sorte, na voz ativa, configura o paciente da ação verbal, sendo considerado de fácil identificação, como acontece em *Castigar o filho* (o ser sobre o qual recai a ação) [...], *Construir uma casa* (o resultado da ação) e *Discutir política*<sup>8</sup> (o conteúdo da ação). Para este gramático, é comum que o objeto direto não seja precedido de preposição. Todavia, em alguns casos, pode apresentá-la, materializando o Objeto Direto Preposicionado, a exemplo de *Aos pais ama-se com fervor*<sup>9</sup>. Aqui, *aos pais* exerce a função sintática de objeto direto preposicionado.

---

6 Os exemplos analisados referentes ao aporte teórico apresentado por Rocha Lima (2006) foram retirados de sua gramática.

7 Id. p. 248.

8 Ibid. p. 243. Id.

9 Ibid. p. 244. Id.

Os verbos transitivos indiretos possuem o objeto indireto representado por um ser animado a quem a ação é dirigida ou o estado que o processo verbal configura. Morfologicamente, é comum este tipo de complemento vir antecedido pela preposição *a* ou, em algumas situações, *para*, correspondendo às formas pronominais átonas *lhe* e *lhes*. Por outro lado, sintaticamente, costuma não permitir, na voz passiva, assumir a função sintática sujeito. “E por implicar o traço +PESSOA, não *lhe* é possível, evidentemente, apresentar-se sob a forma de oração subordinada” (ROCHA LIMA, 2006, p. 249). A título de ilustração, temos *Escrever a um amigo (Escrever-lhe)*<sup>10</sup>, exercendo a informação *a um amigo* a função sintática de objeto indireto. Além disso, este objeto pode, perfeitamente, em outra ocasião, ser substituído por *lhe*, assim como em *Escrever-lhe*.

Entre as possibilidades de uso quanto ao objeto indireto, chama-nos a atenção Rocha Lima (2006, p. 251) registrar que este pode ser ligado aos verbos intransitivos unipessoais, indicando a pessoa em quem a ação verbal é manifestada, como em “Capitu propôs metê-lo em um colégio, donde só viesse aos sábados; custou muito *ao menino* aceitar esta situação” (Machado de Assis). Nesta ocasião, *ao menino* exerceria a função sintática de objeto indireto, sendo relacionado ao verbo *custar*.

O complemento relativo, interrelacionado ao verbo através de uma preposição específica, entre elas, *a*, *com*, *entre*, *de* etc., “*íntegra, com o valor de objeto direto*<sup>11</sup>, a predicação de um verbo de significação relativa” (ROCHA LIMA, 2006, p. 251). Apesar de este objeto ser precedido por preposição, é visivelmente diferente do objeto indireto, por denotar, assim como o objeto direto, o ser a que a ação é destinada. Além do mais, o complemento relativo pode ser substituído pelas formas tônicas *ele*, *ela*, *eles* e *elas*. Assim, temos *assistir a um baile/assistir a ele* e *anuir a uma proposta/anuir a ela*<sup>12</sup>.

O complemento circunstancial, por seu turno, possui uma natureza adverbial, sendo considerado como indispensável à construção verbal em algumas situações,

---

10 Id. p. 249.

11 Grifo do autor.

12 Ibid. p. 252. Id.

assim como os demais complementos aqui descritos. Na tentativa de validar seu ponto de vista, Rocha Lima (2006, p. 252) compara dois casos, a saber: *Irei à Roma* e *Jantarei em Roma*. Para ele, no segundo exemplo, a relação entre a preposição e o verbo (*em Roma*) é mais íntima do que no primeiro. No que diz respeito ao verbo *ir*, é verificado que, por indicar direção, exige a preposição *a* para inter-relacioná-lo ao termo destinado. Contudo, o complemento circunstancial pode aparecer sem o uso da preposição, como em *A guerra durou cem anos*<sup>13</sup>. Por fim, é registrado que este complemento é o acusativo de tempo do Latim.

Já o bitransitivo diz respeito àqueles verbos que possuem, ao mesmo tempo, um objeto direto e um indireto, ou um objeto direto e um complemento relativo. Há ainda, segundo Rocha Lima (2006), nos predicados mistos ou verbo-nominais formados por um verbo e por um nome, o anexo predicativo, o qual pode fazer referência ao sujeito ou ao objeto. Em *O guerreiro voltou ferido* e *O sofrimento torna os homens humanos*<sup>14</sup>, isto fica nítido. Nestes exemplos, *ferido* e *humanos* atuam como anexo predicativo, fazendo referência consecutivamente ao termo *guerreiro*, que exerce a função sintática de sujeito, e *a homens*, o objeto.

Para Bechara (2006), alguns verbos ora poderiam atuar como transitivos, ora como intransitivos, assim como ocorreria nos exemplos *Eles comeram maçãs* e *Eles não comeram*<sup>15</sup>. No primeiro caso, o verbo *comer* seria transitivo; já no segundo, atuaria como intransitivo. Na sua concepção, nem sempre é tarefa fácil estabelecer limites precisos entre os verbos transitivos e intransitivos. Isto fica evidenciado, já que [...] “a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática” (BECHARA, 2006, p. 415). Chama-nos a atenção esta afirmação.

Uma definição adequada quanto aos verbos intransitivos e transitivos, a nosso ver, não está ligada simplesmente à gramática nem tampouco ao léxico, mas à dialogicidade da linguagem. Assim, é conveniente discutir este problema sintático com base na enunciação, à luz de Bakhtin/Volochinov (1981, 1926), Bakhtin (2003) e

---

13 Ibid. p. 253. Id.

14 Rocha Lima (2006, p. 341).

15 Ibid. p. 415. Id.

Volochinov (1930).

Na nossa concepção, os problemas sintáticos são bastante significativos e precisam ser vistos à luz da enunciação, isto é,

[...] os problemas sintáticos são da maior importância para a compreensão da língua e de sua evolução, considerando-se que, de todas as formas da língua, as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, dos *atos de fala*<sup>16</sup>. Todas as análises sintáticas do discurso consistem análises do corpo vivo da enunciação; portanto, é ainda mais difícil trazê-las a um sistema abstrato de língua. As formas sintáticas são mais concretas que as formas morfológicas ou fonéticas e são estreitamente ligadas às condições reais da fala. É por isso que, na nossa reflexão sobre os fatos vivos da língua, demos justamente prioridade às formas sintáticas sobre as formas morfológicas e ou fonéticas. Mas, como também já deixamos claro, um estudo fecundo das formas sintáticas só é possível no quadro da elaboração de uma teoria da enunciação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 140).

Seguindo este direcionamento, apresentaremos, no tópico (5), a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *sonhar*. Para nós, nele o complemento se materializou no plano da sintaxe, tendo a ocupação do objeto, por motivações de ordem enunciativa.

##### 5. A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva: um enfoque enunciativo

Eles não compreendem como estando em desacordo algo concorda consigo próprio: há uma conexão que trabalha em ambas as direções, como no arco e na lira.

*Heráclito*

Rocha Lima (2006), em linhas gerais, mostrou a Transitividade Verbal apresentando uma classificação quanto aos verbos, seguindo o construto teórico que defende. No momento, iremos dialogar especificamente com o conceito de Objeto

---

16 Grifo do autor.



Direto Interno, abordando um olhar enunciativo sobre ele. Na nossa concepção, incidirá sobre o verbo *sonhar* a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva, quando o complemento vir materializado no plano da sintaxe, havendo a ocupação material do objeto. À guisa de ilustração, temos o exemplo (01):

Ex. (01)

- a) “Não digo que meu sonho acabou. Digo que *sonhei um sonho errado*”. No discurso em que anunciou à Câmara seu desligamento do PT, em 2003 (SOARES, 2006, p. 47. Grifo nosso)<sup>17</sup>.

Na reportagem *A utopia real de Gabeira*, escrita em 2006 por Lucila Soares, foi discutida, grosso modo, a vida de Fernando Gabeira<sup>18</sup>, apresentando suas perspectivas políticas. Lucila Soares o focou como um visionário que, embora houvesse opiniões diferentes, poderia ser coerente quanto aos seus ideários políticos, vislumbrando a possibilidade de o Brasil ser governado por pessoas mais éticas e, sobretudo, atender às necessidades de algumas minorias. “Minha tese é que estão dadas algumas condições históricas para fazer do Congresso um espaço decente e produtivo. Um espaço com o qual o novo presidente possa trocar ideias, e não moedas” (SOARES, 2006, p. 50), afirma Gabeira.

Envolta por este universo conflitante sobre a política brasileira, Lucila Soares mostra-nos alguns momentos marcantes da carreira política de Fernando Gabeira. Entre eles, em 2003, o discurso “em que anunciou à Câmara seu desligamento do PT<sup>19</sup>”, como verificamos no exemplo (01). “Não digo que meu sonho acabou. Digo que *sonhei um sonho errado*<sup>20</sup>”, registra Gabeira. Neste momento, o verbo *sonhar* foi usado com o complemento *um sonho errado* no plano da sintaxe.

Em (01), observamos que o sujeito-enunciador, em um dado momento, acreditava na ideologia do PT, sendo partícipe deste partido, no entanto, isso foi

---

17 *A utopia real de Gabeira*, escrita por Lucila Soares, publicada na Revista Veja em 20 de setembro de 2006, p. 44-50.

18 Na época, Fernando Gabeira era deputado e candidato à reeleição pelo Partido Verde (PV).

19 Id. p. 47.

20 Ibid. p. 47 Id.

desconstruído. E o horizonte axiológico implica justamente nisso, ou melhor, a escolha deste enunciador pelo desligamento do partido, uma vez que julga ter “sonhado um sonho errado”, dialogando com a condição daqueles que também um dia acreditaram nos ideais propagados pelo Partido dos Trabalhadores e, por alguma razão, deixaram o partido. No entanto, na sua concepção, seu sonho não acabou. A palavra *errado* traz à tona o desapontamento do sujeito-enunciador no tocante à ideologia defendida pelo PT, neste sentido, o sonho em relação ao partido passa a ser concebido e valorado como algo errado. Considerando a teoria bakhtinina,

[...] o elemento expressivo é que determina o estilo e a composicionalidade do enunciado, isto é, a relação valorativa do falante com seu objeto de discurso e com os outros enunciados (já-ditos, pré-figurados) leva à escolha dos recursos lexicais, gramaticais (estilo) e composicionais de seu enunciado (PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 184).

No exemplo em análise, embora o verbo e o complemento venham do mesmo radical, desaglutinar o objeto *um sonho errado* não gera uma redundância linguística dispensável, visto que a relação constitutiva entre o horizonte axiológico do discurso, a valoração e a expressividade autoriza sua materialização no plano da sintaxe. Isto é, a transitividade surge da visão de mundo do sujeito-enunciador, possibilitando uma réplica. Assim, a ocupação do objeto *um sonho errado* no plano da sintaxe resulta da relação entre o sujeito-enunciador, o interlocutor e o tópico da fala.

As relações dialógicas, portanto,

[...] são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significante do enunciado [...], se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado [...], por outro lado, as relações dialógicas são possíveis entre os estilos de linguagem [...]. Por último, as relações dialógicas são possíveis também com a própria enunciação como um todo [...]. (BAKHTIN, 2008, p. 210-211).

Mediante o exposto, verificamos fatores enunciativos que, em certas ocasiões, autorizaram a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo analisado, havendo a ocupação do objeto, entre eles: A relação intrínseca entre o horizonte axiológico (a ideologia), a valoração (os índices sociais de valor) e a expressividade autoriza a ocupação do lugar de objeto em algumas ocasiões; o fenômeno é gerado a partir da visão de mundo do sujeito-enunciador; o complemento materializado no plano da sintaxe atua como uma reação responsiva e responsável do sujeito-enunciador quanto ao objeto de discurso retratado; a relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala permite a materialização do objeto no plano da sintaxe em certos momentos.

## 6. Considerações finais

À luz da discussão tecida neste artigo, podemos afirmar que o Objeto Direto Interno, conceituado por Rocha Lima (2006), é um caso de (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva, isto é, o objeto vem materializado no plano da sintaxe. No nosso ponto de vista, este fenômeno ocorre por questões enunciativas, sendo percebido na reportagem impressa analisada. Para tanto, a princípio, seguindo Bakhtin (2003), vimos o gênero discursivo selecionado como secundário, observando o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo.

Por fim, verificamos que a Revista *Veja* é um meio de divulgação que circula em âmbito nacional, destinada a um público peculiar, entre outros aspectos. Assim, escrever para ser publicado nela requer a observância a certas especificidades, entre elas: a dimensão axiológico/valorativa, o grau de conhecimento do leitor sobre o assunto, a classe social, o nível de linguagem, o interesse sobre o assunto etc. Nesse sentido, a nosso ver, todas a reportagem discutida materializou ideologia e valoração, apresentando conclusibilidade e expressividade.

Pelo exposto, nossa intenção foi apresentar outras questões sobre o verbo escolhido. Assim, consideramos importante que ele seja visto como signo ideológico,

atentando para as questões enunciativas. Além do mais, é necessário ainda a linguagem ser concebida a partir da perspectiva dialógica, apresentada neste artigo, seguindo Bakhtin/Volochinov (1981/1926) Bakhtin/Volochinov (1981/1926). Assim, conforme explanamos, outras especificidades são aludidas, a exemplo da interação social entre o falante e o interlocutor, considerando suas posições sociais, as quais os particularizam. A língua é, por seu lado, constituída a partir deste tipo de interação, sendo concretizada através das enunciações, uma vez que não é um sistema abstrato nem enunciações monológicas.

Desta feita, a interação é constitutiva da língua, já que esta é gestada a partir da dialogicidade entre os sujeitos, os quais são organizados pelo âmbito social. Portanto, verificamos que o linguístico é configurado justamente através dos processos interativos. Todavia, não é conveniente observar os sujeitos como passivos, porquanto são ativos. E a enunciação é determinada pelo meio, resultando da interação entre tais sujeitos.

Com isso, acreditamos ter apresentado outro olhar sobre os verbos intransitivos, verificando este problema sintático à luz da enunciação, na perspectiva defendida por nós. Registramos aqui o respeito e o reconhecimento quanto às contribuições teóricas feitas pelos gramáticos apresentados. Rocha Lima (2006) observou, segundo o construto teórico no qual está embasado, a transitividade verbal.

Resta-nos, agora, investigar a ocorrência da (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva em outras funções sintáticas, entre elas, o sujeito e o adjunto adverbial. Estas questões, por sua vez, serão pesquisadas em trabalhos futuros.

### Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1929].
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. 1926. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- CAMARA, J. M. Jr. **Dicionário de filologia e gramática**. Rio de Janeiro: Lozon, 1968.
- CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A., 1970.
- DIAS, L. F. Enunciação e gramática: o campo de produção de gramática no Brasil contemporâneo. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Une dialogue atlantique**. Paris: ENS Editions, 2006.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- NÓBREGA, F. **A aglutinação sintática discursiva: diálogos com Bakhtin**. 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- RODRIGUES, R. H. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- SOARES, L. A utopia real de gabeira. **Revista Veja**, São Paulo, 20 set. 2006, p. 45-50.
- VOLOSCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre a poética sociológica). Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.